

Filmes têm, como canais de mensagens, estrutura determinada pelas técnicas e pelos instrumentos aos quais recorrem. E essa estrutura influe na mensagem. Se um filme diz a mesma coisa que um discurso português, não é a mesma coisa. Não pretendo entrar, neste artigo, no problema levantado por este fato, que é um problema de tradução e de isomorfismo. O meu propósito é tentar transmitir o impacto da mensagem de um determinado filme, que é a mesma mensagem de certos discursos filosóficos, e não é a mesma mensagem. Pretendo mostrar que esta convergência e divergência de uma mensagem em dois canais torna a mensagem mais captável, como se tivesse adquirido dimensões adicionais e contornos novos.

A mensagem a ser discutida diz respeito à pergunta "que é objetividade?". O filme que a transmite tem o título deste artigo. Os discursos filosóficos a tratar dela decorrem da nova atitude assumida perante as coisas por Husserl, por Wittgenstein, e por outros, no início do século 20. Organizarei o artigo da seguinte forma: contarei, primeiro, a última cena do filme. Darei, depois, a mesma mensagem em linguagem filosófica correspondente. Finalmente, procurarei amalgamar as duas formas da mensagem. Devo confessar, no entanto, que interpretar tanto a cena do filme quanto a filosofia. De maneira que não sei "objetivo", no sentido de "fidel ao texto".

A última cena do filme "O Olho Selvagem" é esta: Uma bomba acaba de explodir num dancing em Saigon, frequentado por americanos. Um filmautor italiano foi

informado com antecedência do atentado. (Possivelmente influíu na organização do atentado, já que se enganou ativamente, não na guerra do Vietnam, mas num

filme sobre essa guerra.) O filmautor instalou-se, com sua camera, no interior do dancing, e conseguiu filmar a explosão, os corpos dilacerados dos americanos-

nos, dos colaboradores vietnamitas, das prostitutas, e as vítimas feridas que fogem para a rua. E acaba de escapar, ileso. Na rua mandou instalar outra

camera, manejada por operador também italiano, que acabou de filmar a explosão do lado de fora. Com este operador está a amante do filmautor, esperando,

artista, pelo desfecho da aventura. A amante é morta no tiroteio que se segue ao atentado. O filmautor lança-se sobre seu corpo, murmurando "meu Deus". Vol-

ta-se, em seguida, para o operador, dizendo: "Inclua-me no filme". O operador fixa o rosto do filmautor pela sua camera, e este se entrega à dor pela morte

da amante. Esta a última cena, um tanto sangrenta e melodramática, a despede-to da minha interpretação irônica e pseudo-objetiva.

O tema da cena é a objetividade. O tema é atacado de dois ângulos diferentes. O primeiro diz respeito à possível interferência do filmautor italiano nos aconte-

cimentos filmados. O segundo diz respeito ao processo pelo qual o filmautor se inclui, a si próprio, no seu filme. Desenvolverei um pouco estes dois as-

pectos.

O filmautor, como italiano, ocupa na guerra do Vietnam uma posição de neutralidade. Neutralidade, não no sentido de equidistância dos dois lados envolvidos,